



## ESCREVIVÊNCIA AUTOBIOGRÁFICA DA EXPERIÊNCIA CORPORAL DO HIV+ DE UMA MULHER POBRE LATINA-AMERICANA E VINDA DO INTERIOR

Naira Nogueira Da Silva Ferreira <sup>1</sup>  
Prof. Dr. Roberto Kennedy Gomes Franco <sup>2</sup>

### RESUMO

Este estudo apresenta uma escrevivência autobiográfica que analisa os efeitos sociais do desmonte das políticas públicas de HIV/Aids no Brasil, a partir da experiência de vida de uma mulher nordestina vivendo com HIV e enfrentando múltiplas condições de vulnerabilidade. A pesquisa parte do entendimento de que as transformações políticas e institucionais ocorridas nos últimos anos impactaram diretamente a vida de pessoas que dependem do Sistema Único de Saúde, especialmente no que se refere à continuidade do tratamento, à prevenção e ao enfrentamento do estigma. O objetivo central é compreender de que forma decisões macroestruturais incidem sobre trajetórias individuais, evidenciando a relação entre corpo, política, subjetividade e direitos humanos. Entre os objetivos específicos estão o de registrar, por meio da escrita autobiográfica, os efeitos do estigma, das violências sofridas e das rupturas no cuidado em saúde, bem como o de afirmar a potência da escrita como ferramenta de reconstrução de si e de produção de conhecimento situado. O método utilizado é qualitativo, interdisciplinar e fundamentado na autobiografia como percurso formativo e na escrevivência como prática de resistência, tomando o corpo e a memória como territórios de saber. A análise organiza-se em quatro movimentos complementares: a contextualização histórica do golpe de 2016 e o consequente desmonte das políticas sociais, com ênfase na política nacional de HIV/Aids; o relato autobiográfico das violências vividas em diferentes momentos da vida, incluindo violência sexual, obstétrica, institucional e simbólica; a escrita de si como prática de denúncia, de memória e de reinvenção subjetiva; e a articulação dessas experiências à crítica das estruturas sociais que perpetuam desigualdades e exclusões. Os resultados evidenciam que viver com HIV em contextos periféricos significa enfrentar múltiplas camadas de exclusão e negligência, agravadas pela precarização e pelo enfraquecimento das políticas públicas de saúde. Esse cenário produz barreiras concretas no acesso ao tratamento, amplia os estigmas associados à sorologia positiva e transforma direitos constitucionais em privilégios acessíveis a poucos. Ao mesmo tempo, o estudo revela que, apesar dos limites e da violência estrutural, emergem formas de resistência sustentadas pela solidariedade, pela escuta sensível, pela ancestralidade e pela escrita como gesto político. A autobiografia, ao reorganizar a dor em linguagem, converte-se em gramática de vida, instrumento de denúncia e produção de conhecimento crítico. Conclui-se que a escrevivência autobiográfica, ao articular experiência pessoal e reflexão analítica, rompe com a neutralidade epistêmica e inscreve no campo acadêmico uma ciência engajada, que dá visibilidade às vidas subalternizadas e denuncia as desigualdades históricas. Este trabalho, ao afirmar o corpo como território de resistência e a memória como instrumento coletivo de luta, contribui para a construção de políticas públicas baseadas em dignidade, cuidado e justiça social, além de reforçar o papel da universidade como espaço de produção de saberes comprometidos com a transformação social.

**Palavras-chave:** Escrevivência; Autobiografia; HIV/AIDS; NECROPOLÍTICA.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades, Discente,  
naira.nogueira@unilab.edu.br<sup>1</sup>

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades, Docente,  
robertokennedy@unilab.edu.br<sup>2</sup>